

SESSÕES DO PLENÁRIO

14ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2 de junho de 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO LULA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Declaro aberta a sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano ao geógrafo e ambientalista Mario Mantovani, proposta pelo deputado Marcelino Galo Lula.

Convido para compor a Mesa a Sr.^a Cristina Seixas Graça, promotora de Justiça do Ministério Público e diretora de Relações Internacionais da Abrampa; o Sr. Álvaro Gomes, assessor para assuntos institucionais do Gabinete da Defensoria Pública, que neste ato representa o defensor público-geral Rafson Ximenes; a Sr.^a Maria Marighella, vereadora da cidade do Salvador; o Sr. Cláudio Mascarenhas, diretor do Grupo de Defesa e Promoção Socioambiental Germen; o Sr. Rui Rocha, diretor do Instituto Floresta Viva e professor de geografia da Uesc; e o Sr. Elton Rocha, chefe de Gabinete do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia - Inema. (Palmas)

Solicito ao Sr. Rui Rocha e ao Cerimonial que conduzam a este recinto o nosso homenageado, o geógrafo e ambientalista Mario Mantovani.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

Convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Assistiremos agora ao vídeo sobre o nosso grande homenageado.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Eu queria convidar aqui o Rui Murici, que é do Conselho Consultivo do Grupo Ambientalista da Bahia, o Gambá, para compor a Mesa. (Palmas)

E agora, como proponente desta sessão, farei o nosso pronunciamento.

O Sr. MARCELINO GALO LULA: Boa tarde a todas, todos e todes presentes aqui, hoje, nesta sessão especial com o objetivo de homenagear e dar o Título de Cidadão Baiano a, pelo seu jeito, talvez um dos mais baianos de todos nós aqui presentes hoje.

Baiano é uma forma, é um estado de ser, de viver e ele, com essa alegria, já está ali dando risada, já era baiano e não sabia. Mas alguém falou para ele que ele tinha que ser baiano.

Mas não é por isso que nós estamos aqui o homenageando, estamos o homenageando porque estamos iniciando o mês de junho. E, aqui, a gente começou a

travar, a divulgar e a fazer toda uma comemoração do antes, o único dia 5 de junho, que é o Dia Mundial do Meio Ambiente, e nós resolvemos fazer o Junho Verde.

Ontem já tivemos uma atividade, com o Fórum Popular da Natureza, e hoje, aqui, nada mais importante do que iniciar entregando esse Título de Cidadão Baiano, aprovado por unanimidade nesta Casa, a um dos precursores da luta ambientalista, da luta socioambientalista.

Vocês tiveram a oportunidade de ver naquele vídeo, mas ainda vai ter mais uma coisinha que eu possa falar sobre ele, é uma das figuras mais importantes da luta ambiental no mundo, porque nós não resumimos a luta ambiental a fronteiras, que é Mario Mantovani. E ele reclama muito porque eu nunca falo o nome dele direito, mas é complicado, às vezes coloco um “l”, mas é Mantovani.

Então, esse companheiro tem uma história de vida, tem um legado que nos deixa orgulhosos por prestar essa homenagem a ele. Então, eu tive a oportunidade de conhecê-lo mais a partir de 2013, quando Beth Wagner nos procurou, como deputado, para que a gente pudesse implantar a Frente Parlamentar Socioambientalista nesta Casa.

Ele era o grande incentivador, mobilizador por todo o Brasil. Na verdade, ele deveria ter título de cidadão em cada estado deste país em que ele esteve, ali cambiando com a sua militância determinada, e aqui, neste estado da Bahia, ainda mais, porque vocês viram a aprovação de um bioma que tem o status que tem, a Mata Atlântica. E foi justamente por esse trabalho que foi possível criar uma lei para a Mata Atlântica.

E precisamos ter uma lei para a Caatinga, esse bioma exclusivo do semiárido brasileiro, que não existe em nenhum outro lugar no mundo. Precisamos ter uma lei neste estado que também proteja o Cerrado. O Cerrado está sendo destruído. Essa grande savana vai virar apenas um grande deserto.

Então, toda essa luta e a importância que tem a militância de Mario é que nos faz, justamente, iniciar o mês de junho. E vamos ter intensas atividades, muitas atividades para abordar esse momento, o momento mais difícil da realidade brasileira.

Nós voltamos ao colonialismo: é preciso destruir, é preciso extrair, é o extrativismo radical do capital sem noção. Nunca, depois de 30 anos, a gente viveu uma realidade como essa em que a única preocupação é exaurir ao máximo os recursos da natureza, é exaurir ao máximo os recursos da força de trabalho, da mão de obra, voltando a quase o estado de escravidão e de extrativismo nunca visto neste país. Talvez na época da colonização. Ali era bem claro, havia o que chegava de fora que queria extrair a riqueza, e, hoje, neste momento, não, é uma elite, uma elite descompromissada, sem vergonha.

Hoje, houve um debate na Câmara e teve um deputado que foi ali, justamente, chamado à atenção porque ele dizia que o presidente da Câmara não tinha vergonha.

Mas a elite deste país é desavergonhada e está entregando este país, está destruindo.

E agora é mais do que a exploração capitalista da força do trabalho e da natureza, é a destruição da vida das futuras gerações e da contaminação da gente por vírus que vem, justamente, dessa destruição da natureza.

Então, passou-se a esse patamar.

Então, para que a vida não seja destruída, nós precisamos homenagear figuras humanas, militantes que tenham essa capacidade política. Por isso, estamos aqui, hoje.

E eu queria cumprimentar aqueles que também aqui estão para prestar esta homenagem. Essa grande promotora de Justiça vinculada ao meio ambiente, foi presidente da Abrampa, essa mulher de coragem, Dr.^a Cristina Seixas, que é uma honra tê-la aqui, nesta Mesa, para homenagear esse homem que sairá, logo depois, baiano, e ser baiano é uma responsabilidade.

Sr. Assessor para Assuntos Institucionais, esse que foi um dos maiores deputados que esta Casa já teve, Álvaro Gomes, homem de uma capacidade oratória fantástica. Não tinha uma sessão que ele não fizesse uma análise das várias situações que vive esse país e o seu povo. Então, um dos melhores deputados que já passou por esta Casa e que tinha uma característica: ele falava muito bem, mas era o que mais diversificava nas suas gravatas, vejam a gravata que ele está aí hoje. Ele não repetia uma gravata! Continua do mesmo jeito.

Cumprimentar aqui essa nossa querida vereadora, a vereadora Maria, mas o que nós precisamos, Maria, neste momento, é de Marighella, muitos Marighellas para enfrentarmos isso com muita coragem. Então, agradeço a ela porque ela é coordenadora da Frente Parlamentar Mista Ambientalista da Câmara Municipal de Salvador. É uma frente mista, muito incentivada e mobilizada pelo novo baiano.

O Sr. Diretor do Grupo de Defesa e Promoção Socioambiental – Germen, Cláudio Mascarenhas, histórico militante ambientalista deste estado, também nos ajudou a fundar a frente ambientalista desde seu início, sempre presente, debatendo temas. Hoje coordena, junto com – nada mais, nada menos – Dra. Luciana Khoury, o Fórum Baiano de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos, Transgênicos e pela Agroecologia. Essa é uma luta muito importante, junto com o Ruy Muricy, também estudioso e a quem a gente sempre recorre sobre a questão do estado que está aqui.

Aqui tem também uma figura muito importante. Não foi à toa que ele entrou, foi uma escolha do homenageado, o Rui Rocha. Rui Rocha é do Instituto Floresta Viva e professor de Geografia da Uesc, mas ele também é irmão de um amigo nosso que se foi de forma muito precoce, amigo meu e de Mario, um ambientalista que já nasceu ambientalista e não precisou estudar muito para se transformar num grande ambientalista. Mario, nas vindas dele aqui à Bahia, sempre ia a Morro de São Paulo, lá atrás, e ali era conduzido justamente por esse nosso querido, saudoso, Pedro Rocha. Também, hoje, é o dia de a gente prestar uma homenagem a Pedro Rocha. (Palmas)

Welton Rocha, chefe de gabinete do Inema, está presente aqui, grande companheiro; Ruy Muricy, já o citei, mas hoje ele está representando o Gambá por solicitação de Renato Cunha que teve de viajar, foi a uma viagem de família, e ele aqui está.

E, agora, o nosso homenageado principal, não é? Eu já falei muito dele, mas vou ter de descrever um pouco de toda a sua história biológica e história de luta, para que a gente possa justificar, porque vai ter de constar nos Anais desta Casa porque esta Casa deu esse título. A justificativa é muito curta na proposta de homenagem, de projeto, mas hoje, aqui, a gente tem de justificar, de fato.

Então, o nosso querido homenageado Mario César Mantovani (Lê) “nasceu em Assis, estado de São Paulo, no dia 20 de dezembro do ano de 1955, filho de D. Maria e Seu Ermelindo. Desde criança, já queria trabalhar com o meio ambiente. De tanto ter

predisposição a cuidar do verde, se tornou torcedor do Palmeiras que, então, tinha como símbolo o periquito que depois o agronegócio trocou por um porco. Mario trabalhou na Prefeitura de Assis, num banco da cidade e depois como executivo na União dos Escoteiros do Brasil. O bom mesmo dessa vida era curtir e nadar nas águas do rio Paranapanema.

Mudou-se para São Paulo e iniciou o curso de Geografia na PUC, no qual se formou. Trabalhou na Cetesb, deu aulas na PUC e foi também professor concursado do estado de São Paulo, dando aulas em um colégio na periferia da cidade. Ingressou na SOS Mata Atlântica, com o rótulo de guerrilheiro e alucinado pela ação... – espero que ele continue assim – “(...) trabalhando principalmente com a questão da água, assumindo o cargo de diretor e superintendente e tendo papel fundamental na Fundação. Mario é casado com a arquiteta Marilene e tem uma filha, Juliana, que é geógrafa...” e um filho adolescente, Arthur Francisco “(...) e vê na família o seu porto seguro.

Entre 1983 e 1987, Mario trabalhou na Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, quando promoveu atividades com prefeituras e auxiliou na criação de novas ONGs ambientalistas. Entrou na área ambiental pela União dos Escoteiros do Brasil, quando contribuiu para a divulgação da Conferência de Estocolmo, em 1972, primeiro evento da ONU a tratar da questão ambiental e onde foi cunhado o termo desenvolvimento sustentável. Apesar de que sua entrada para o grupo foi um tanto conturbada. Após viajar o Brasil fingindo ser escoteiro, foi descoberto. Mas já era um líder e entrou de vez para o movimento. E ali nascia um dos maiores ambientalistas do Brasil, fama que Mantovani refuta. Ele diz: ‘Essa é minha obrigação. Trabalho com isso, os voluntários são os maiores ambientalistas do Brasil. Tem gente que não tem nem dinheiro para comer e é ambientalista’, ressalta.

Sabendo da importância da preservação da Mata Atlântica, onde vive 72% da população brasileira, o jovem geógrafo se joga na luta contra a construção de uma usina nuclear na área da Jureia...” – aqui, já passou no vídeo, é do que mais ele se orgulha na vida – “(...) mobilizando a população e as autoridades locais na luta e consegue, não só impedir a construção, como trabalhar na criação da Estação Ecológica da Jureia, uma área de 120 mil hectares, até hoje preservada.

O que o levou à Amazônia, ao Pantanal, à Bahia etc. foi a questão da água. O que o entusiasma é ver um rio limpo. Isso que o fez vir para a SOS Mata Atlântica. Sua formação em Geografia e a especialização em manejo de bacias hidrográficas são por conta da água. Desde aquela época, anos 1980, já falava do que hoje são as soluções baseadas na natureza. Sua defesa era sempre ver o rio em sua condição natural, ter a água como um benefício para todos, universal. E não como alguns especialistas que só pensam em onde jogar o lixo humano. Ele se tornou liderança de muitas causas, pois é como a água, não tem forma.

Sua realização preferida ainda é a Jureia, Estação Ecológica de Jureia-Itatins. Além da beleza que é indiscutível, é um local que representou muito na sua vida: ‘Quero que joguem minhas cinzas lá...’” Espero que não seja tão cedo, viu, Mario?

Ele afirma que foi onde sua vida deu um salto de ser escoteiro para ser um profissional. Além de ver um rio maravilhoso, lá aprendeu a forma de fazer política e de

combater retrocessos. Ele disse: (Lê) “É o acolhimento. A gente acolhe, mas também gosta de ser acolhido.” Sinta-se acolhido hoje pelos baianos e baianas!

É essa troca de energia. Todo mundo que conheceu acrescentou algo na sua vida. É o que o leva para frente. Não tem um segundo que não esteja falando com alguém, ouvindo a história de alguém. E atualmente, até por conta das novas tecnologias de comunicação, por exemplo, nunca se conectou com tanta gente. Acho que, hoje, tem mais gente que vê nossas fotos e memórias das mobilizações do que quem estava lá. É claro que tem a marca, pois quem participou desse tipo de coisa nunca esquece. Para isso, ele está na lida e na luta até hoje.

Um dos momentos mais difíceis, durante seu caminho pelo comitê, foi a discussão do Código Florestal (Lei nº 12.651/2012). Debates muito esse assunto aqui na Bahia. O tema foi apoiado por Mario e pela Dr.^a Cristina, sentada ali. A medida entrou em vigor em maio de 2012; tem, como um de seus pilares, a redução da proteção das matas ciliares (com a absolvição das pessoas envolvidas em casos de desmatamento de encostas), o que causa impacto direto sobre as bacias hidrográficas. (Lê) “A gente viu, talvez, um dos maiores assaltos da situação da água no Brasil, um dos maiores crimes quando se criou a escadinha no Código Florestal.” Assim diz Mario.

A sua luta agora é contra o desmonte do Sistema Nacional de Meio Ambiente (Sisnama). O movimento ambientalista precisa resgatar o que foi a base. O Sisnama deu tão certo que serviu como referência para a criação do SUS. Era um exemplo. Ele trabalha nessa base: fazer com que os municípios tivessem uma estrutura de meio ambiente. Isso fortaleceu a atuação em Brasília. Mas, enquanto muitos amigos seus foram para Brasília montar o sistema, ele fez o inverso e foi para a base. Agora, Brasília conseguiu desmontar toda uma estrutura que estava no governo. Claro, não foi tudo hoje, pois isso já vem há alguns anos, mas o que vemos, agora, é uma destruição total.

Assim se posiciona este homem que não precisa dormir para sonhar e se tornar uma coisa que ele sempre desejou, ou seja, se tornar cidadão da boa terra, cidadão baiano que não nasceu por acaso, mas escolhido pela terra.

Parabéns, Mario Mantovani!

Parabéns a Mata Atlântica que passa a ter um filho que não foge à luta e detesta os tiranos.

“Èpao, èpa bàbá” Mario Mantovani!

Viva a Mata Atlântica!

Viva a Bahia e seus orixás!

Viva o baiano mais novo que temos: Mario Mantovani!

A Bahia tem o seu mais novo e dileto cidadão baiano. (Palmas)

Nosso abraço, Mario. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Dando seguimento, após a fala do proponente, nós vamos ouvir alguns companheiros e algumas companheiras, porque, pelo

protocolo do Cerimonial, Ritinha ou Manuela, elas ficam me olhando. Estão vendo lá como elas olham?

Mas nós vamos quebrar um pouco o protocolo para que a gente, também, possa ouvir algumas personalidades importantes aqui, E uma delas é este querido companheiro Rui Rocha. Digo que ele é irmão de Pedro Rocha, porque eu conheci Pedro Rocha antes dele. Ele era pequenininho, mas um militante natural e ambientalista de quem a gente gostava muito.

Então, com a palavra o diretor do Instituto Floresta Viva, Rui Rocha, por 5 minutos ali no púlpito.

O Sr. RUI ROCHA: Obrigado, Marcelino.

Saúdo o querido Mario, o deputado Marcelino e todos os presentes convidados.

Eu vim de Ilhéus hoje pela manhã cedo. E, na estrada, andando pela BA-001, no caminho para cá, eu estava pensando como eu conheci Mario Mantovani, lembrando que o paulista, quando chega à Bahia, uma das primeiras provas é ele gostar do acarajé, talvez, dele comer acarajé, não é? Porque já é um desafio. Quando ele gosta do acarajé, a gente fala: “Bom, um passo elementar que o paulista deu.” Mas Mario, além de comer acarajé, além de gostar de acarajé, ele tomou uma decisão que foi a de conhecer a cidade onde se produz o melhor azeite de dendê do mundo, que é Valença.

Em Valença, que é a minha cidade natal, vocês já perceberam, eu assisti à chegada de Mario para participar de um evento. Foi um encontro de municípios e meio ambiente, se não me engano, em 1986, por aí. Vieram você, o Capobianco, o Cleiton e o Renato, eram os baianos anfitriões, e você, em Valença, me conheceu em Morro de São Paulo, já me cobrando, de imediato, a responsabilidade sobre as águas de Morro de São Paulo, pois elas estavam sujas na primeira praia.

Daquele momento em diante, a gente foi percebendo como a questão ambiental faz parte da vida de cada cidadão e como cada cidadão tem responsabilidade de estado, qual seja, a responsabilidade de colocar o estado no caminho correto, porque as leis não existem sem o cidadão. As leis são crias do cidadão e elas exigem, permanentemente, vigilância.

Então, eu queria agradecer a Mario, agradecer a Marcelino por ter dado esta oportunidade de a gente reconhecer a Bahia no coração de Mario Mantovani, que já começou lá atrás, na década de 1980 e, hoje, a gente sente certificado.

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado a Rui Rocha, diretor do Instituto Floresta Viva.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Concedo a palavra, agora, à nossa querida vereadora da cidade de Salvador e coordenadora da Frente Parlamentar Mista Ambientalista, da Câmara Municipal de Salvador, Maria Marighella. (Palmas)

A Sr.^a MARIA MARIGHELLA: Boa tarde a todas, todos, “todes”.

Boa tarde, deputado Marcelino, esse deputado que tem feito um chamado a nós, o tempo inteiro, para as grandes lutas, as boas lutas. Não é, Beth? E nós, em levante, sempre

com ele. Parabéns por esta justa homenagem e este chamado a este grande homem, Mario Mantovani, que, sim, como o Marcelino disse, é o responsável pela nossa Frente Parlamentar Mista Ambientalista na cidade de Salvador e com quem conta sempre com a atenção, carinho, parceria e compromisso da promotora aqui, Cristina Seixas.

Queria saudar todos e todas na pessoa do baiano, do novo baiano, do novíssimo baiano Mario. Mas se diz que baiano não nasce, baiano estreia. E, hoje, estreia, na Bahia, o baiano Mario Mantovani. (Palmas)

Olha, como diz Ailton Krenak, nós estamos sendo convocados a um mundo morto-vivo, mundo zumbi e, cada vez que a gente conta uma história, a gente está adiando o fim do mundo.

Eu queria pedir licença pra contar uma mini história, porque eu fui uma criança que habitei esta Casa, esta ALBA, esta ALBA que era uma concorrente da minha vida privada, porque o meu pai, Carlinhos Marighella, foi deputado na eleição, primeira eleição direta para esta Casa naqueles anos de 1980, 1982. Ele presidiu a Comissão de Meio Ambiente desta Casa no ano de 1984. Passa um filme na nossa cabeça, pois, ao estar aqui hoje, isso fala, Mario, muito mais do que foi feito, daquilo que não foi feito. Então, quando você nos convoca, me convoca, nos chama a todos, isso é um chamado para as lutas tradicionais, mas, sobretudo, para as lutas contemporâneas.

Ciosa da minha responsabilidade ancestral e da luta, sou, também, ciosa desta travessia que estamos travando todas juntas, juntos: Álvaro, Rui, Rui Muricy, Claudio Mascarenhas, com todos, compartilhando com vocês, porque a luta ambiental é uma luta, essencialmente, por direitos, justiça social e democracia.

Eu entendi isso quando Mario disse: “Maria, você pode e deve ter a responsabilidade de assumir a presidência da Frente, a coordenação desta Frente.” E Marcelino me disse: “Chame a sociedade civil organizada.” E, hoje, estamos, em nome de trinta entidades, compondo esta Frente.

Eu quero saudar, também, a assessora da Frente, Thais Rebouças, uma ativista pelo direito à cidade. Ela está aqui conosco. São muitas as pessoas que integram e participam desta luta que, hoje, está no centro de todos os conflitos urbanos da cidade de Salvador, melhor, eu diria, de todos os conflitos urbanos da cidade de Salvador.

Nós podemos falar da agenda das águas, nós podemos falar sobre os resíduos sólidos, nós podemos falar da especulação imobiliária, nós podemos falar da venda da cidade, nós podemos tratar de todos os problemas da cidade hoje, atravessados pela questão ambiental.

E foi com este compromisso, entendendo que nós temos um grande desafio, que é a promoção de justiça, enfrentar o capital, como bem disse Marcelino, na sua feição mais violenta e cruel, que tira daqueles que são os donos da terra, porque cuidam, donos dos seus territórios, porque vivem para protegê-lo dos seus inimigos que são aqueles que querem usurpar o bem comum para o interesse de alguns.

E foi nesse sentido e com essa condição que nós assumimos esse desafio, com a condução sempre muito generosa, humana, solidária, permanente e paciente de Mario Mantovani, que faz dessa luta, a luta pelo meio ambiente, uma luta por democracia,

entendendo democracia como essa terra boa, esse arado do qual a gente não se afasta, porque ninguém tem dúvida de que é graças ao arado da terra que a gente se alimenta.

E assim é também a democracia, essa terra boa, esse arado que precisa ser trabalhado com muita persistência e com essa alegria, determinação de que Mario não recua. Ao contrário, sabe que é nessa terra que estão os nossos sonhos e o nosso amanhã.

E no novo chamado – já para encerrar, porque o tempo é curto – estamos protocolando aqui na cidade de Salvador, nesta Bahia agora nossa, tão nossa, o projeto de lei que diz que a natureza em Salvador é um sujeito de direitos.

Tarefa dada é tarefa cumprida. Por esta Salvador para todas as pessoas, por uma Bahia mais igual, que seja capaz de preservar a sua diversidade, o seu meio ambiente, por um Brasil de igualdade, de justiça, de promoção, de futuro e de amanhã para todas as pessoas.

Viva o novo baiano! Viva a democracia brasileira, meio ambiente na frente! Viva a luta por um amanhã que tem o meio ambiente como centro do novo desenvolvimento para este país! Refundaremos o Brasil com a vitória e com a luta de todas as pessoas aqui presentes.

Salve geral! Novo baiano, Mario Mantovani! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado a nossa vereadora Maria Marighella.

Agora vamos ao momento da entrega. Eu gostaria de convidar Beth Wagner, coordenadora executiva, para vir aqui entregar junto com a gente, a Dra. Cristina e Ana Torquato, porque Mario veio aqui a Salvador hoje (Palmas) e disse que visitou a Igreja do Bonfim, foi pagar uma promessa de sua mãe, visitou a Irmã Dulce, só não foi ao terreiro. Então, vamos convidar a Makota para ele sair satisfeito da Bahia.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Ana Torquato está dizendo que ainda tem um presente para você, mas que se der tudo agora, você...

Vamos ter a satisfação agora de passar a palavra ao nosso homenageado, geógrafo e ambientalista e o mais novíssimo baiano Mario Mantovani.

O Sr. MARIO MANTOVANI: Boa tarde a todos. Sr. Deputado Marcelino Galo, proponente da sessão especial, meu irmão, camarada, parceiro. Vocês tiveram a sorte, porque eu tinha preparado 50 folhas do meu discurso, mas o Marcelino já falou, então eu vou resumir, vai ser mais fácil para a gente ficar aqui de tarde.

Sr.^a Promotora de Justiça do Ministério Público e Diretora de Relações Internacionais da Abrampa, Cristina Freitas Graça; Sr. Assessor para Assuntos Institucionais do gabinete da Defensoria Pública, Álvaro Gomes, neste ato representando o defensor público geral Rafson Ximenes; Sr.^a Vereadora da cidade de Salvador, Maria Marighella; Sr. Diretor do Grupo de Defesa e Promoção Social Germen, Cláudio Mascarenhas; Sr. Diretor do Instituto Floresta Viva e professor de Geografia da UESC, Rui Rocha; Sr. Chefe de Gabinete do Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos –

Inema –, Welton Rocha; Sr. Membro do Conselho Consultivo do Grupo Ambientalista da Bahia, representado aqui por Ruy Rocha Muricy e cada um dos presentes aqui. Beth, você é uma das culpadas por eu estar aqui. Há muita gente parceira aqui, de muitas histórias. Há cada um que fez parte dessa trajetória para que eu pudesse ter chegado aqui.

É uma história muito interessante, porque, como o Rui falou, eu me sentia já de uma família, com Dona Diva, a nossa mãe, posso dizer assim, com Pedrinho, com Cris, com Erick, com Moana, que nasceu daquela história mais triste, talvez da minha vida, de perder um grande irmão. Rui lembrava uma história que vocês viram com relação à Jureia, que foi talvez uma das maiores mobilizações da sociedade. Não era uma luta para que a gente tivesse um parque, era uma luta contra a Ditadura, era uma luta por direitos, como disse Marighella. Nós estávamos ali, naquele momento, enfrentando coisas terríveis. O Brasil tinha acabado de sair da Conferência de Estocolmo e de dizer o que preferia: a poluição, a pobreza. E a gente sabia que aquele modelo de desenvolvimento, naquele momento, não era um modelo do qual precisava. Eu me entusiasmei para trabalhar com o meio ambiente, e não havia o movimento ambientalista naquele momento, em 1973. O meu trabalho profissional começa com a União dos Escoteiros, que foi chamada pelo mundo para divulgar aquilo que era da conferência, que era pensar global e agir local.

Hoje eu não vejo nada mais atual do que essa questão de a gente chamar para o local. Marighella, fiquei muito feliz por criar recentemente as frentes parlamentares de vereadores. Aqui, Marcelino, vale lembrar que um dos ecossistemas da minha vida agora, essa luta, é o Parlamento. Política pública é o grande desafio deste país. Se a gente não consegue fazer política pública, a gente não consegue fazer inclusão, a gente não consegue a luta por direitos, a gente não consegue fazer justiça, principalmente quando se trata de terra, que é uma luta que Marcelino faz e que me inspira muito. Quando a gente fala que o maior problema ambiental brasileiro, hoje, é fundiário. Essa exclusão, essa questão cruel que tira o alimento, que tira as pessoas, que é excludente. Isso a gente supera quando pode fazer esse trabalho. E eu aprendi isso na Bahia.

Eu citei o nome dessa minha família que me acolheu e da qual eu me sinto parte. Então achei Rui Rocha dando uma bronca daquela: “Vocês vão ficar nadando nesse rio de cocô aqui”. E isso nós estávamos falando em 86, em Morro de São Paulo.

Olha o que aconteceu com o saneamento no Brasil, quanta dificuldade e quantas pessoas – 70% das doenças no Brasil são de origem hídrica –, e como a gente ainda não consegue superar isso. São índices de quarto mundo. Isso mostra a terrível desigualdade que existe neste país e que a gente precisa superar.

Então, nesse ecossistema político, quando a gente criou a Frente Parlamentar Ambientalista, eu que vinha da luta das Diretas Já, depois passei a trabalhar na Constituição, no capítulo do meio ambiente. E me lembro de Ailton Krenak, nas histórias, trazendo a questão dos índios. E olha, quer mais injustiça do que a gente vê hoje? Os índios que, pela Constituição, têm as suas terras, mas que são nossas. Eles são guardiões dessas terras. E a gente fica falando que não tem de dar terra a índio. A gente não, esses que são os terríveis donos do poder hoje e que acabam fazendo todas essas coisas que nós estamos vendo. O desmonte de um sistema, como foi bem lembrado. A Cris sabe muito bem disso, a Cristina Seixas, como é importante essa nossa luta para manter esse sistema. Isso tudo nos coloca em uma posição de mais engajamento na luta.

Eu nunca fui tão engajado e nunca acreditei tanto. Quando eu vejo o nosso pessoal do Engajamundo aqui, que tenho acompanhado desde as conferências mundiais, e os jovens trazendo isso. Quando eu lembro, Marcelino, porque eu uso muito as redes sociais, foi uma das coisas que você falou aqui. Quantos de nós usamos isso? Eu me lembro de que as primeiras mensagens lá em 80, em 70, na questão da Jureia, a gente fazia no mimeógrafo. Ia para a porta das escolas entregar e dizer: olha estão querendo destruir uma área importante com usinas nucleares, a Ditadura está fazendo isso. E a gente conseguia passar essas mensagens. Será que hoje a gente não consegue superar? Talvez traduzir melhor as questões ambientais, quando a gente as tem? Eu aprendo muito com esses jovens, a forma como eles se comunicam. Isso que é o desafio.

Então, quando a gente fez, lá em 88, aquele movimento grande pela Constituição para ter um capítulo do meio ambiente. Olha o Brasil, que em 72 sai pela porta dos fundos dizendo que preferia a poluição, em 88, nós tínhamos um capítulo de meio ambiente na Constituição. O mundo não sabia o que era isso. Em 92, nós fomos protagonistas de tudo aquilo pelo qual a gente está batalhando hoje. Nós somos protagonistas da Convenção do Clima, de biodiversidade, da Carta da Terra, da educação ambiental. Olha os passos que se deram, isso porque, durante a redemocratização, os movimentos sociais cresceram e tiveram espaços para poderem transformar este país, acabar com a ditadura, essa que está batendo à porta hoje, e que a gente não vai receber.

Esse movimento que fez a ECO-92 nos levou a trabalhar para que se consolidasse aquilo que era o capítulo do meio ambiente, os biomas brasileiros. E tem realmente, Marcelino, uma grande injustiça, nem sequer sabíamos o que era a Mata Atlântica, dizíamos que tínhamos de proteger a própria Serra do Mar e deixamos de fora realmente o Cerrado e a Caatinga. Um pecado mortal, irreparável.

Eu acho que o estado pode fazer uma lei estadual, como São Paulo fez pelo Cerrado, e aí, sim, o estado poderá ser mais restritivo. (Palmas) E é um estado com que a gente tem dificuldades, porque aqui a Mata Atlântica continua sendo destruída de forma impiedosa. Aqui, Dra. Cristina Seixas, tivemos lutas, como por exemplo, a questão do licenciamento com a tal da LAC, essa licença automática que é uma das maiores covardias que se fez contra o Brasil, inclusive, excluindo a sociedade. (Palmas)

Nós ficamos de fora, municípios não foram ouvidos, por exemplo, com as suas leis de uso do solo. Esses debates, Marighella, a gente tem que levar para uma câmara, com a sociedade participando, “Vem fazer política com a gente!”, era essa a ideia que a gente criou com as frentes parlamentares ambientalistas. E aí, durante 14 anos, eu fiquei dentro do Congresso Nacional batalhando pela Lei da Mata Atlântica.

Aqui, na Bahia, era onde a gente tinha os mais aguerridos: Renato, do Gambá, tínhamos o pessoal, Saraiva, que eu homenageio aqui com uma grande força e salva de palmas. (Palmas) Saraiva, com o seu jeito, nos dizia: “Vamos juntos!”. Germen, Gambá, tantos outros movimentos que a gente tinha aqui, isso é o que nos inspirava a trabalhar.

Renato foi comigo criar a Anamma, em 1986, também lá no Paraná, e a gente criou a Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente. Eu não estou contando essa história para reforçar um histórico tão lindo desse, como Marcelino leu, mas para dizer a vocês que tudo isso pelo que passei tinha a cara da Bahia. Era baianidade demais. Ver de

Trem, quando... A gente podia ter falado disso, de 92. (Palmas) Quantas histórias que a gente fez aqui, saveiros, coisas fantásticas.

Eu anotei algumas coisas que eu não podia deixar de falar, mas acho que, assim, eu encerraria com uma das coisas que... A gente precisa, quem luta como a gente... diferente de mim, que vejo, dentro do Congresso Nacional, os lobbys formados agora pelas armas, que é um dos maiores crimes contra a humanidade, os lobbys que tem para vender venenos, com bilhões para envenenar nossa sociedade, os lobbys como aqueles que querem transformar o saneamento em um negócio, privatizar um direito das pessoas, lobbys impossíveis... Todos os demônios saíram do inferno nesta gestão e estão, assim, em total tempo, apavorando, talvez, toda a sociedade. Nós precisamos resistir, porque mostramos que era possível fazer isso debaixo de ditadura, debaixo de mortes, de atentados, e resistimos, e vamos resistir agora.

Eu lembro que, quando a gente fazia esse trabalho para ter a participação da sociedade nas frentes parlamentares, era isso que a gente queria. A política é muito séria para a deixarmos só na mão do político. E eu estava dizendo desses lobbys porque eu sou um dos lobistas que, dentro de Brasília, se apresenta com uma logomarca: “Eu estou aqui defendendo coisas diferentes das que vocês fazem”.

A gente defende água, a gente defende saúde, a gente defende clima, a gente defende árvores, a gente defende temas que são de todos, temas da sociedade, direitos difusos, não é, Cristina? Direitos que a gente precisa garantir porque é isso que a gente vai deixar para nós e para as futuras gerações, como está lá na Constituição.

É isso que a gente pode fazer e eu agradeço à Bahia por me acolher como um baiano. Eu realmente me sentia baiano, eu precisava desse ato para encarnar, para incorporar, e dizer “eu sou baiano com orgulho” porque escolhi ser baiano, porque escolhi estar aqui, porque escolhi fazer essa luta junto com os meus companheiros baianos, todos aqueles que lutam por direitos, aqueles que lutam por justiça, aqueles que são incompreendidos, aqueles que, como o Marcelino disse, às vezes não têm o que comer em casa, mas coloca os seus trabalhos voluntários, é essa gente que faz o nosso trabalho de ambientalista ter força. É isso que me faz ter energia para lutar com vocês, para dividir, compartilhar essa alegria, essa emoção de ser baiano. Eu diria, uma grande emoção.

Eu marquei tanta coisa para dizer, mas eu não consigo, eu estou muito emocionado e eu queria dizer para vocês: que alegria é receber uma placa como essa. Que alegria é ser baiano.

É isso aí. Axé, meu povo! Vamos lá! Valeu! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Então, queria convidar agora Néa, Daniela e Alaim para entregarem – Néa, que é a assessora da Frente Parlamentar Ambientalista – ao mais novo baiano o presente ali, com produtos da Bahia.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Agora nós vamos ouvir um dos hinos mais belos, que é o Hino da Bahia, o Hino ao Dois de Julho.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): E Mario comentava aqui que o filho dele nasceu em 2 de julho, não é isso? Em 2 de outubro, vai nascer a liberdade do povo brasileiro.

Então, em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, agradeço a presença de todos, e todas, e todes, da imprensa, das autoridades civis e declaro encerrada a presente sessão.

Viva o mais novo baiano Mario Mantovani!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.